

Estou mesmo reconhecida por ter sido convidada a participar no lançamento do livro “As minhas Causas” do Dr. Vítor Ramalho.

Confesso que fiquei um bocadinho intrigada com o convite, porque na verdade, tendo embora sido colegas no Governo chamado do Bloco Central, colegas da mesma equipa e do mesmo Ministério, tendo-nos depois cruzado algumas vezes nos corredores da política, e sobretudo nos dos admiradores do Dr. Mário Soares, nunca fomos muito próximos nem partilhámos os mesmos lados de muitas disputas políticas.

Sei no entanto, e agora bem melhor do que antes, que partilhamos em muitos aspetos essenciais uma visão do Mundo e escolhas de princípios e de caminhos.

A convivência agora longínqua no Governo de 1983-1985 – partilho a opinião do Autor de que se lhe passou a atirar muitas mais pedras do que são merecidas – cimentou no entanto uma solidariedade facilmente acionável nesta ocasião. Embora aquele Governo tenha também constituído um campo de competição interna, muitas vezes para além do que seria saudável, a verdade é que, no interior do Ministério do Trabalho e da Segurança Social, em que ambos nos incluíamos, e em que Vítor Ramalho era o único que não militava no PSD, reinou sempre o ambiente de trabalho conjunto, duro e solidário, e de lealdade e confiança que nos deixou, tantos anos depois, boas recordações. Foram tempos duros, de intervenção exterior e de austeridade, mas ainda hoje os recordo como aqueles em que retirei mais satisfação individual em ocupar uma posição política de responsabilidade.

O livro que me cabe apresentar, ou co apresentar, e que, sendo explicitamente uma exposição das “causas” que, ao longo da Vida, o Autor valoriza e defende, também é, pela narrativa adotada, um livro de memórias, das memórias do Autor em torno de essas causas.

Pelo caminho, Vítor Ramalho expõe a sua visão das nossas vicissitudes políticas ao longo dos últimos quarenta anos, quase aqueles que decorreram desde que ambos fomos colegas.

E eu compreendi, ao lê-lo com cuidado por duas vezes – e depois com algumas revisões, à procura de confirmações ou de dados mais precisos – que Vítor Ramalho tem uma experiência de vida bem mais agitada, diversificada, rica em suma do que eu tinha podido imaginar. E, em torno da agitação e da diversificação, há linhas de conduta, à volta do que chama, e bem, causas, que fornecem uma espécie de fio condutor que atravessa e unifica tantas situações e tantos lugares diferentes.

Do nascimento e da vida em Angola até à idade adulta, à vinda para Portugal e aos estudos que aqui concluiu, do envolvimento em atividades políticas na Universidade, então proibidas, até à prisão política, e depois à militância partidária muito ativa, desta para a participação na Assembleia da República, e em governos, e na Presidência da República, do envolvimento em instituições públicas ou em iniciativas privadas, sempre com um forte conteúdo social, Vítor Ramalho construiu uma vida riquíssima, em torno de ideais e de causas, que é enriquecedor conhecer e visitar através deste livro.

Por aqui passam, entre muitos outros assuntos: os tempos do governo do Bloco Central, e os esforços do Autor para manter o diálogo com os parceiros e a paz social; mais tarde, quando integrou os governos de António Guterres como Secretário de Estado, a intensa atividade para manter a Lisnave a laborar; entretanto, na Casa Civil do Presidente Mário Soares, durante os seus dois mandatos, inúmeras iniciativas em que avulta o seu empenho vital em garantir a intensidade das relações entre Portugal e a África de língua portuguesa; e sempre, em todas as circunstâncias, o envolvimento do cidadão em caminhos e escolhas de acordo com os seus ideais. E, em termos muito reveladores, a propósito da sua saída do Governo em 2000, a firmeza e a discrição com que soube colocar limites em relação ao que se pode fazer para prevalecer em política, na sequência do episódio que ficou conhecido como do “queijo Limiano”.

Avultam no livro duas constantes a que quero referir-me mais atentamente.

O primeiro tem a ver com a presença, e a influência, de Mário Soares, desde muito cedo. O segundo está em todo o lado, e também aqui hoje,

neste espaço, e começou ainda bem mais cedo: é a presença, e a influência, de Angola, e de África, a terra onde Vítor Ramalho nasceu, e se fez homem.

Estas duas presenças ocupam e inspiram todo o decurso do livro.

Se bem entendi, a relação de Vítor Ramalho com Mário Soares teve uma espécie de começo através da Dra Maria Barroso, numa visita em abril de 1972. Mário Soares estava então preso, e Vítor Ramalho tinha acabado de ser solto da prisão política de Caxias. A visita está descrita em pormenor, e o que o nosso Autor então ouviu parece ter ficado a constituir uma forte recordação.

O Dr. Mário Soares era o Primeiro-Ministro do governo a que ambos pertencemos.

Pouco depois de ter terminado o Governo do Bloco Central, foi eleito Presidente da República. E levou para o seu núcleo de colaboradores Vítor Ramalho.

Em momentos cruciais da vida política subsequente, o nosso Autor acompanharia, apoiaria, ou tomaria iniciativas em que era determinante a posição de Mário Soares. Relatados no livro estão o Congresso “Portugal que Futuro”, e dois momentos particularmente marcantes, um relacionado com Moçambique – as eleições de 1994, acompanhadas pelo nosso Autor como representante do Presidente português, em que teve um papel decisivo para que a Renamo participasse mesmo – e o outro com Angola – que Vítor Ramalho conseguiu que fosse visitada oficialmente pelo Presidente em fim de mandato, na sequência de um convite que só veio porque ele manobrou a sua emissão. Ambos estes seus êxitos assentaram em notáveis qualidades de estabelecer pontes, e na sua capacidade rara de entender e de envolver os nossos dois Países Irmãos. Em particular o segundo é muito interessante, As relações com Angola não seriam então muito fáceis para o Dr. Mário Soares, e imagino que Vítor Ramalho, que, segundo nos conta, era para as duas principais forças políticas angolanas difícil de situar – diz que cada uma delas achava que estava com a outra – terá podido usar de conhecimentos pessoais raros para obter o que desejava.

Mais tarde, aí estava Vítor Ramalho, como nos relata, por exemplo na manifestação contra a invasão do Iraque, na tentativa não vitoriosa de Mário Soares regressar à Presidência da República em 2006, ou nas reuniões chamadas da Aula Magna da Reitoria da Universidade e Lisboa, que aí tiveram lugar em 2013. Mas não era incondicional, não era essa a sua postura: não teve a mesma posição que o Dr. Mário Soares na candidatura de António Costa à liderança do PS, embora o tenha acompanhado numa visita de incentivo à candidatura e tenha colaborado no processo, como nos conta, revelando os contornos de uma relação que percebemos tão especial e determinante. E teve Mário Soares a apoiá-lo na homenagem aos associados da Casa dos Estudantes do Império que promoveu em 2014 e 2015, na sua veste de Secretário-Geral da ilustre casa em que nos encontramos hoje.

A outra muito forte presença na vida de Vítor Ramalho, esta desde sempre, nesse sentido não escolhida, mas fortemente presente e vivida, é a ligação a Angola.

Eu sei que, em relação aos elementos que em cada um de nós são, ou podem ser percebidos como sendo, de carácter identitário, se não os partilharmos, não é possível que os apreendamos, estando de fora, de forma perfeita e completa.

A terra onde nascemos e onde crescemos, como é o caso de Angola para Vítor Ramalho, passa, julgo eu, a viver dentro de nós de forma não completamente explicável em palavras para fora. Eu julgo que o mesmo é verdade para o sexo e a raça, pelo menos.

Eu sei que estou em território hoje muito difícil de abordar, e cheio de riscos e armadilhas. Não sabemos o que é sentir, a menos que estejamos dentro. Mas também não podemos ir até recusar o esforço de compreensão e a empatia dos outros como intrusivos ou sinais de abuso.

Quem nasceu e viveu e se formou como pessoa em Angola e vive em Portugal há muitos anos tem de conhecer, e sentir, uma espécie de dupla pertença que é, na minha perceção, enriquecedora. E preciosa para todos nós, se quem a detém escolhe pô-la ao serviço das relações entre os povos de um e outro País.

Eu sou dos que sentem que entre os dois países pode e deve haver uma relação especial – e não estou a falar da relação comercial, nem dos interesses associados.

Eu não tenho com Angola nenhuma relação parecida, mas as vezes que a visitei, antes e depois da independência, por razões de carácter puramente pessoal, não familiar, ou em representação política, fui ator e testemunha de momentos e de sentimentos que só se explicam porque eu sou portuguesa – e a minha língua é o português.

Com a mesma força com que, antes do 25 de Abril, senti a violência por exemplo do uso em tribunal da nossa liturgia e da aplicação do nosso direito a pessoas que não eram da nossa cultura, percebi, depois da independência, que os nossos profissionais de saúde eram desejados por oposição a nacionais de outros países, que havia músicas que podíamos todos partilhar como nossas, e que os cooperantes suecos não percebiam, e que o Benfica era considerado como da casa. E emocionei-me ao visitar numa ocasião tantas crianças pequenas, refugiadas da guerra civil, falar português como primeira língua.

É claro que Vítor Ramalho percebe muitíssimo mais do que eu alguma vez conseguirei. Basta ler este livro, para perceber a profundidade do que pode ser partilhado e conseguido nessas condições. Nós temos os dois a mesma idade, mas eu não conheço quase ninguém de aqueles com quem ele pode falar com o tu da proximidade real. Percebe-se do que nos conta que fez isso muitas vezes. E que pode, e quer, fazer muitas mais.

A aprendizagem do lugar do jovem Vítor quando se apercebeu que, mesmo na terra onde nasceu, mesmo na terra onde já nascera a sua mãe, podia sentir-se e ser tratado como diferente, em virtude do facto de descender de europeus, é descrita no livro em termos comoventes. Refiro-me à conversa que relata com a sua mãe, em 1961, na sequência dos acontecimentos de 4 de fevereiro, que deram o nome ao aeroporto de Luanda. Fora o assalto à cadeia para obter a libertação de presos nacionalistas, e a mãe de Vítor Ramalho sentiu que tinha de o alertar para o que os europeus a viver então em Angola passaram a considerar uma ameaça. Vítor Ramalho, então com 13 anos, não compreendia que

pudesse ter de passar a considerar ameaçador o convívio que sempre tinha tido com meninos que eram fisicamente diferentes dele.

Eu nunca vivi em Angola, mas tenho muitos amigos que nasceram lá, ou em outros países africanos, e percebo que esses africanos e esses portugueses são preciosos nas relações fraternas que eu quero que tenhamos com todos esses países. E não há já muitos com a experiência de Vítor Ramalho.

Boa parte da sua vida é dedicada a essa causa.

É esse o sentido da sua atividade nesta casa onde estamos.

Há uns anos, como já referi, a UCCLA promoveu uma homenagem aos associados da Casa dos Estudantes do Império.

Como o nome aliás indica, essa instituição fora criada nos tempos em que celebrávamos o império português, concretamente em 1943, como lugar de acolhimento e de convívio dos estudantes que vinham para Portugal provenientes das colónias. Era um projeto político de assimilação, por onde passaram e conviveram centenas de africanos, na verdade facilitando as suas vidas e permitindo-lhes estabelecer contactos e solidariedades, incluindo entre diferentes territórios. Os contactos foram tão conseguidos que a Casa se tornou também local de reunião política e de difusão dos ideais da independência, com tanta eficácia que acabou por ser extinta em 1965, depois de nela se ter organizado a saída de inúmeros jovens que foram integrar os movimentos de libertação.

Afirma Vítor Ramalho que terá sido o único exemplo assim de instituição criada em país colonizador que se tornou berço de libertação. Pepetela conta no seu interessantíssimo livro “A Geração da Utopia”, que Vítor Ramalho me ofereceu, o que era a presença dessa Casa na Lisboa colonial.

Por ela passaram inúmeros africanos que depois da sua dedicação aos movimentos de libertação se distinguiram na política, na cultura e na vida social dos novos países.

Tem certamente um significado profundo que a referida homenagem se tenha realizado em Portugal, com a presença e a participação de tantos ilustres portugueses e africanos.

A narrativa no nosso livro está organizada em torno de uma viagem a Angola, especial a todos os títulos, que o Autor realizou acompanhando a Dra Maria Barroso, enquanto Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa, numa missão de cariz humanitário para apoiar as vítimas da guerra civil que tinha finalmente chegado ao fim. Essa viagem, que se realizou em 2002, assume uma relevância e um espaço que a tornam particularmente importante no contexto das Causas do Autor e da sua vida pessoal. Nessa data, e enquanto colaborador da Cruz Vermelha, voltava não apenas a Angola, o País onde nascera, mas, pela primeira vez, às localidades onde vivera os primeiros largos anos de vida.

A descrição cheia de detalhes e de emoção dessa viagem à Caála, à cidade do Huambo, do encontro com tantos angolanos, incluindo do Hungulo, terra da sua mãe, revela o espaço mais íntimo do Autor, ilumina para o leitor atento quem é de facto Vítor Ramalho, e permite à narrativa adquirir uma autenticidade que ajuda a compreender tudo o resto.